

Marco Ruben Laranjeira Santos Rodrigues

HMI para Fabrico Aditivo

Mestrado em Engenharia de Software

Trabalho de Projeto efectuado sob a orientação de

Doutor Pedro Miguel Moreira

Engenheiro João Paulo Pereira

Julho de 2017

RESUMO

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetuer adipiscing elit. Aenean commodo ligula eget dolor. Aenean massa. Cum sociis natoque penatibus et magnis dis parturient montes, nascetur ridiculus mus. Donec quam felis, ultricies nec, pellentesque eu, pretium quis, sem. Nulla consequat massa quis enim. Donec pede justo, fringilla vel, aliquet nec, vulputate eget, arcu. In enim justo, rhoncus ut, imperdiet a, venenatis vitae, justo. Nullam dictum felis eu pede mollis pretium. Integer tincidunt. Cras dapibus. Vivamus elementum semper nisi. Aenean vulputate eleifend tellus. Aenean leo ligula, porttitor eu, consequat vitae, eleifend ac, enim. Aliquam lorem ante, dapibus in, viverra quis, feugiat a, tellus. Phasellus viverra nulla ut metus varius laoreet. Quisque rutrum. Aenean imperdiet. Etiam ultricies nisi vel augue. Curabitur ullamcorper ultricies nisi. Nam eget dui. Etiam rhoncus. Maecenas tempus, tellus eget condimentum rhoncus, sem quam semper libero, sit amet adipiscing sem neque sed ipsum. Nam quam nunc, blandit vel, luctus pulvinar, hendrerit id, lorem. Maecenas nec odio et ante tincidunt tempus. Donec vitae sapien ut libero venenatis faucibus. Nullam quis ante. Etiam sit amet orci eget eros faucibus tincidunt. Duis leo. Sed fringilla mauris sit amet nibh. Donec sodales sagittis magna. Sed consequat, leo eget bibendum sodales, augue velit cursus nun.

Julho de 2017

ABSTRACT

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetuer adipiscing elit. Aenean commodo ligula eget dolor. Aenean massa. Cum sociis natoque penatibus et magnis dis parturient montes, nascetur ridiculus mus. Donec quam felis, ultricies nec, pellentesque eu, pretium quis, sem. Nulla consequat massa quis enim. Donec pede justo, fringilla vel, aliquet nec, vulputate eget, arcu. In enim justo, rhoncus ut, imperdiet a, venenatis vitae, justo. Nullam dictum felis eu pede mollis pretium. Integer tincidunt. Cras dapibus. Vivamus elementum semper nisi. Aenean vulputate eleifend tellus. Aenean leo ligula, porttitor eu, consequat vitae, eleifend ac, enim. Aliquam lorem ante, dapibus in, viverra quis, feugiat a, tellus. Phasellus viverra nulla ut metus varius laoreet. Quisque rutrum. Aenean imperdiet. Etiam ultricies nisi vel augue. Curabitur ullamcorper ultricies nisi. Nam eget dui. Etiam rhoncus. Maecenas tempus, tellus eget condimentum rhoncus, sem quam semper libero, sit amet adipiscing sem neque sed ipsum. Nam quam nunc, blandit vel, luctus pulvinar, hendrerit id, lorem. Maecenas nec odio et ante tincidunt tempus. Donec vitae sapien ut libero venenatis faucibus. Nullam quis ante. Etiam sit amet orci eget eros faucibus tincidunt. Duis leo. Sed fringilla mauris sit amet nibh. Donec sodales sagittis magna. Sed consequat, leo eget bibendum sodales, augue velit cursus nun.

Julho de 2017

Conteúdo

[1. Introdução 1](#_Toc487060500)

[1.1 Contexto e Motivação 1](#_Toc487060501)

[1.2 Problema 2](#_Toc487060502)

[1.3 Objetivos 3](#_Toc487060503)

[1.4 Estrutura do Documento 4](#_Toc487060504)

[2. Estado da Arte 4](#_Toc487060505)

[2.1 Introdução 4](#_Toc487060506)

[2.2 Automação 4](#_Toc487060507)

[2.3 Software para Automação 8](#_Toc487060508)

[2.4 Fabrico Aditivo 11](#_Toc487060509)

[2.5 Web para Automação 12](#_Toc487060510)

[2.5.1 HTTP 13](#_Toc487060511)

[2.5.2 Browsers 14](#_Toc487060512)

[2.5.3 Tecnologias Web 14](#_Toc487060513)

[2.5.4 Realidade Aumentada 16](#_Toc487060514)

[2.5.5 Cloud Computing 17](#_Toc487060515)

[2.5.6 Indústria 4.0 18](#_Toc487060516)

[2.5.7 Human-Machine Interfaces 20](#_Toc487060517)

[2.5.8 Sistemas Scada 22](#_Toc487060518)

[2.6 Abordagens Existentes 24](#_Toc487060519)

[2.6.1 Controlo e Automação na Indústria 24](#_Toc487060520)

[2.6.2 Sistemas Web-Based para Controlo e Automação 27](#_Toc487060521)

[2.6.3 Realidade Aumentada na Indústria 34](#_Toc487060522)

[3. Análise do Problema 38](#_Toc487060523)

[4. Desenvolvimento do Projeto 38](#_Toc487060524)

[5. Conclusões 38](#_Toc487060525)

[6. Referências 38](#_Toc487060526)

[7. Anexos 40](#_Toc487060527)

Índice de figuras

[Figura 1 - HMI para Fabrico Aditivo 3](#_Toc487060081)

[Figura 2 - Exemplo de um PLC do fabricante Omron 7](#_Toc487060082)

[Figura 4 - Sensores do fabricante OMRON 7](#_Toc487060083)

[Figura 5 - Exemplo de drives industriais 8](#_Toc487060084)

[Figura 6 - Ambiente de desenvolvimento Twincat 3 9](#_Toc487060085)

[Figura 7 - Ambiente de desenvolvimento SIMATIC STEP 7 10](#_Toc487060086)

[Figura 8 - Ambiente de desenvolvimento PL7 10](#_Toc487060087)

[Figura 9 - Arquitetura do protocolo HTTP 13](#_Toc487060088)

[Figura 10 - Client Side da web 15](#_Toc487060089)

[Figura 11 - Arquitetura base de aplicações web 16](#_Toc487060090)

[Figura 14 - Arquitetura Cloud Computing 18](#_Toc487060091)

[Figura 15 - Indústria 4.0 19](#_Toc487060092)

[Figura 16 - Fábrica Inteligente 20](#_Toc487060093)

[Figura 17 - Human-Machine Interface 21](#_Toc487060094)

[Figura 18 - Arquitetura Sistema SCADA 23](#_Toc487060095)

[Figura 19 - Ganhos de Tempo (Fonte: (Guerra et al., 2016)) 26](#_Toc487060096)

[Figura 20 - Linha de Paletização Automatizada (Kerezovic & Sziebig, 2016) 27](#_Toc487060097)

[Figura 21 – Arquitetura para monitorização remota dos processos. Fonte: (Kacur et al., 2013) 28](#_Toc487060098)

[Figura 22 - Página web dinâmica para monitorização. Fonte: (Kacur et al., 2013) 29](#_Toc487060099)

[Figura 23 - Aplicação Java para monitorizar temperatura. Fonte: (Kacur et al., 2013) 30](#_Toc487060100)

[Figura 24 - Arquitetura do sistema para controlo remoto de laboratório. Fonte: (Bermudez-Ortega et al., 2016) 31](#_Toc487060101)

[Figura 25 - Página no browser para controlo remoto. Fonte: (Bermudez-Ortega et al., 2016) 32](#_Toc487060102)

[Figura 26 - Arquitetura do sistema para controlo de PLC remotamente. Fonte: (Li & Zhang, 2011) 32](#_Toc487060103)

[Figura 27 - Página web para controlo das variáveis do PLC. Fonte: (Li & Zhang, 2011) 33](#_Toc487060104)

[Figura 28 - Software Eiger. Fonte: https://markforged.com/eiger/ 34](#_Toc487060105)

[Figura 29 - A interface do sistema através dos óculos e dos marcadores de RA. Fonte: (Aoki et al., 2015) 35](#_Toc487060106)

[Figura 30 - Uma peça a ser modelada. Material virtual é "despejado" do spray na mão direita. Fonte: (Aoki et al., 2015) 36](#_Toc487060107)

[Figura 31 - Á esquerda a peça em RA, ao centro a peça em software de modelação 3D e á direita a peça impressa. Fonte: (Aoki et al., 2015) 36](#_Toc487060108)

[Figura 32 - Montagem de produto animada em ambiente de RA. Fonte: (Mehdi Mekni, 2014) 37](#_Toc487060109)

Índice de Tabelas

**No table of figures entries found.**

Lista de Abreviaturas

|  |  |
| --- | --- |
| HMI | Human-machine interface (interface homem-máquina) |
| PAC | Programmable Automation Controllers |
| PLC | Programmable Logical Controllers (controlador lógico programável) |
| SCADA | Supervisory Control and Data Acquisition |
| OPC | OLE (Object Linking and Embedding) for Process Control |
| CSS | Cascade Stylesheet |
| CNC | Comando Numérico Computorizado |
|  |  |

# 1. Introdução

## 1.1 Contexto e Motivação

Com o rápido crescimento tecnológico ao longo dos últimos anos, a integração de novas tendências tecnológicas tornou-se natural em qualquer área ou setor que beneficie das mesmas. Tecnologias emergentes como realidade aumentada, realidade virtual, entre outras, tendem a ser exploradas e embebidas nas mais variadas aplicações em diversos setores da indústria. Estes, facilmente encontram a motivação certa para cada vez mais apostar em soluções *high-tech* dado que os ganhos são imensos e a não aposta pode resultar numa falta de inovação e consequentemente no não acompanhamento do trilho da evolução. As HMIs para controlo de processos de fabrico não são diferentes de outras áreas e podem beneficiar muito da integração de variadas tecnologias (como as supramencionadas).

Numa perspetiva histórica de evolução das HMIs, é importante referenciar que por volta de 1945 apareceu a primeira interface homem-computador que ficou conhecida como a era da *Batch Interface*, numa fase em que o poder computacional era escasso e caro, as interfaces eram rudimentares e os utilizadores tinham que se acomodar aos computadores e nunca o contrário. As tecnologias evoluíram, passando por vários processos e transformações, levando a que as interfaces passassem também elas por várias fases como a era da linha de comandos e culminando na era das interfaces gráficas como as que conhecemos e utilizamos hoje em dia.

As HMIs são, nos dias que correm, utilizadas para os mais variados fins, como por exemplo nos automóveis para fornecerem informação ao condutor acerca da viagem, de parâmetros do automóvel, de extras como o ar condicionado ou o rádio, em equipamento médico para fornecer informação acerca do paciente ou do processo/exame para o qual o equipamento foi construído e para permitir alguma ação mediante o estado do paciente, na indústria para fornecer informação sobre um processo de fabrico e para permitir controlo sobre o mesmo.

O projeto a que me propus surge no âmbito de um outro projeto de investigação a decorrer no INEGI que visa explorar tecnologias emergentes de fabrico aditivo e a sua aplicação para além do estado da arte em termoplásticos para aplicações de alta temperatura e resistência.

O INEGI tem, nos últimos anos, participado e consolidado a sua posição como parceiro da indústria nacional e internacional pela larga experiência e reconhecimento em diversas áreas de interesse, entre elas o desenvolvimento de produto, a engenharia industrial e a gestão de projetos de I&I, apresentando uma larga experiência e reconhecimento a nível nacional e internacional em áreas relevantes para o presente projeto como o desenvolvimento de produto, Fabrico Aditivo, Indústria 4.0, engenharia industrial e a gestão de projetos de I&I.

Assim, este projeto de mestrado visa desenvolver uma interface homem-máquina (HMI) *web-based* para permitir fazer o controlo das funções básicas de um equipamento de fabrico aditivo, assim como monitorização e manipulação dos seus parâmetros, munindo o operador de uma ferramenta capaz de fornecer atempadamente toda a informação relativa ao processo de fabrico, assim como ao equipamento em si, e capaz de permitir o controlo do mesmo através de funções para o efeito. Para atingir os objetivos é expectável que sejam exploradas tecnologias de desenvolvimento web, assim como a possibilidade de integrar tecnologias emergentes e que acrescentem valor, como por exemplo realidade aumentada, realidade virtual, entre outras.

## 1.2 Problema

Dada a contextualização e motivação do projeto, facilmente conseguimos identificar uma clara necessidade que deve ser suprida com o desenvolvimento do mesmo.

No contexto industrial já existem HMIs para controlo de equipamentos á vários anos, no entanto diferentes processos de fabrico têm diferentes necessidades do ponto de vista do controlo e automação. Este projeto de mestrado surge no âmbito de um projeto inovador que visa investigar sobre o processo de fabrico aditivo em ambiente industrial utilizando materiais termoplásticos para aplicações em alta temperatura e resistência, processo este que traz necessidades muito específicas no que diz respeito ao controlo do equipamento e monitorização do processo.

Assim, facilmente se identifica como necessidade deste projeto de investigação o desenvolvimento de uma HMI customizada ao processo de fabrico aditivo em ambiente industrial, que permita ao operador controlar o equipamento e monitorizar o processo em tempo real.



**Figura 1 - HMI para Fabrico Aditivo**

## 1.3 Objetivos

A indústria pode beneficiar bastante da evolução tecnológica dos tempos que correm. A automação industrial que por si só tem evoluído bastante, sofre constantemente de uma maior convergência com o mundo das Tecnologias de Informação que evolui a vários níveis e com uma grande quantidade de tecnologias a emergir.

O objetivo macro para este projeto é desenvolver uma HMI orientada ao processo de fabrico aditivo, no entanto é importante listar sub-objetivos que no final irão compor o sistema como um todo:

* Desenvolver HMI Web-based
* Explorar tendências recentes do desenvolvimento web, de forma a garantir melhores capacidades e um bom desempenho da HMI
* Monitorizar parâmetros do equipamento e do processo em tempo real
* Controlar equipamento
* Fornecer vários modos de operação no equipamento
* Importar e interpretar GCODE
* Garantir recolha e armazenamento de dados
* Permitir visualização de histórico
* Permitir visualização de imagem da câmara termográfica
* Explorar a integração de tecnologias de ponta como por exemplo Realidade Aumentada

## 1.4 Estrutura do Documento

O presente documento encontra-se dividido nos seguintes capítulos:

Capítulo 1: Onde se realizará uma contextualização do projeto, apresentando em

linhas genéricas os conceitos envolvidos, em que âmbito surge o projeto, quais os objetivos delineados para o mesmo, qual o planeamento do projeto e é também definida a estrutura do documento.

Capítulo 2: Consistirá na análise do estado da arte associado aos temas envolventes ao projeto. Serão introduzidos alguns conceitos importantes, assim como descritos alguns fatores essenciais a ter em consideração para atingir os objetivos do projeto. Será também abordado o tema de HMIs *web-based*, porquê investir em tecnologias web para HMIs, quais as vantagens e ainda alguns casos de sucesso de aplicações de tecnologias emergentes em HMIs.

Capítulo 3: Será feita uma análise detalhada ao problema.

Capítulo 4: Onde será feita a descrição mais detalhada do desenvolvimento do projeto, em que consiste, quais as tecnologias e porquê.

# 2. Estado da Arte

## 2.1 Introdução

A evolução tecnológica das últimas décadas torna o mundo industrial cada vez mais apetecível para investigação de novos métodos de fabrico, para aplicação de novos conceitos ou simplesmente para implementação de inovações do ponto de vista tecnológico. Os fabricantes querem reduzir custos, otimizar o desempenho de linhas de processo, melhorar a eficiência, reduzir emissão de gases, reduzir gastos de energia, entre outros. Para tudo isto, a informação é vital. Obter a informação certa no momento certo e permitir operadores atuarem sobre o processo em tempo real de forma intuitiva, é fundamental.

Com os avanços que as áreas de automação e de sistemas de informação têm vindo a sofrer há uma tendência cada vez maior para estes se mesclarem, de forma a serem produzidos sistemas capazes de explorar o melhor dos dois mundos, tornando-se assim em ferramentas poderosas e orientadas ao processo em questão.

## 2.2 Automação

A automação consiste num “processo de controlo e de monitorização de atividades e de tarefas de forma autónoma”(Carvalho & Ferrolho, 2016, p. 3), ou seja, na implementação da automação em ambiente industrial procura-se reduzir ao máximo, ou em alguns casos substituir, a intervenção humana por sistemas automáticos (Dorf & Bishop, 2010, p. 7) que podem incluir partes mecânicas, elétricas ou eletrónicas e são apoiados por meios computacionais para operar e controlar equipamentos (como máquinas, processos em fábricas, etc) e desta forma obter um aumento de produtividade e redução de custos de produção.

**História da Automação**

Desde há muito tempo que o ser humano procura automatizar atividades que inicialmente eram manuais. As primeiras iniciativas ocorreram ainda na pré-história com invenções como a roda, moinhos de vento ou rodas de água que permitiram economizar esforço, tempo e recursos através de soluções criativas (Soares & Mariano, 2012).

Mais tarde, por alturas do século XVIII, naquela que ficou conhecida como a Revolução Industrial assistiu-se a uma **mecanização** dos sistemas de produção por intermédio da utilização de ferramentas e máquinas para ajudar o ser humano em tarefas industriais, sendo que os equipamentos seriam ainda operados manualmente. Este passo tinha como objetivo aumentar a produtividade e reduzir os custos.

Em 1920 surgem sistemas automáticos de produção com uma maior rapidez na execução de tarefas e intervenção humana mínima, espelhados nas linhas de montagem arquitetadas por Henry Ford.

Nos anos Pós 2ª Guerra Mundial, por volta dos anos 50, surgem máquinas de comando numérico na produção (CNC) que permitem a produção de peças de grande complexidade e de alta precisão.

Em 1968 acontece um dos pontos mais relevantes da história da automação, com o aparecimento do primeiro Controlador Lógico Programável, conhecido como PLC, por Dick Morley.

Desde então assistiu-se a uma tentativa de normalização das comunicações entre PLCs e a uma integração de sistemas mecânicos, sistemas de controlo de processos e sistemas informáticos.

A automação evoluiu, disseminou-se, e é hoje aplicada em várias áreas ou setores da sociedade, sendo composta por vários ramos de aplicabilidade como por exemplo a automação industrial, a automação comercial ou a automação residencial.

**Objetivos da Automação**

De uma forma geral, os objetivos a atingir com a implementação da automação podem ser enquadrados em dois níveis: a segurança e o mercado. No primeiro, é pretendido que haja uma melhoria das condições de trabalho e de segurança de pessoas e de bens. No segundo, pretende-se aumentar a competitividade global do produto e da empresa, contribuindo assim para que esta se mantenha no trilho que acompanha a evolução e que continue aguerrida na concorrência do mercado.

No que diz respeito á segurança, a implementação de automação num processo de fabrico permite que tarefas consideradas de maior perigo imediato (como prensagem, ou corte) ou mesmo a médio/longo prazo (como soldadura e a pintura que implicam a inalação de gases), possam ser executadas com pouca ou nenhuma intervenção humana. A acrescentar também o perigo das tarefas extremamente repetitivas (mesmo que na teoria sejam consideradas menos perigosas), pois podem levar a estados de cansaço que podem diminuir a capacidade de foco e concentração e podem gerar situações perigosas e pôr em causa a qualidade do produto final.

A automação, é hoje em dia, um meio através do qual é possível atingir melhorias dos padrões de qualidade.

Assim, podemos sintetizar os principais objetivos da automação em:

* Diminuição dos custos
* Aumento de produtividade e flexibilidade
* Melhoria da qualidade
* Inovação do ponto de vista tecnológico
* Integração

**Componentes da Automação**

A automação industrial é composta por alguns componentes essenciais para a sua implementação e desenvolvimento na indústria, entre os quais estão os PLCs, as HMIs, os sensores e as unidades industriais.

Um PLC é um dispositivo standard de controlo industrial que fornece um método simples, mas robusto, para controlar processos dinâmicos de fabrico (Alphonsus & Abdullah, 2016). Proporciona controlo de movimento, controlo de entradas e saídas (inputs e outputs) de processos, sistemas distribuídos e controlo de rede.

Dado ser um componente muito orientado para ambientes industriais, é regularmente utilizado em condições e circunstâncias adversas, onde é necessário uma maior precisão e rigor no controlo, e que este aconteça em tempo real através de comunicações fidedignas.



Figura 2 - Exemplo de um PLC do fabricante Omron

Uma HMI é “uma interface gráfica de utilizador para controlo industrial, que permite visualização, controlo, diagnóstico e gestão de processos”. (Dias & Fonseca, 2015, p. 16)

A HMI deve estar conectada a outros componentes de hardware de forma a garantir a comunicação com o mesmo e assim perfazer o sistema industrial.

Um sensor é um equipamento que deteta alterações ou eventos no seu ambiente e fornece entrada de dados para outros componentes eletrónicos. São essenciais para monitorização, inspeção, efetuar medições, entre outras tarefas que sejam necessárias de ser realizadas em tempo real.



Figura 4 - Sensores do fabricante OMRON

As unidades industriais, que são também conhecidas como drives industriais, são “controladores de motores utilizados para operações de controlo otimizado de motores” (Dias & Fonseca, 2015, p. 17). São normalmente utilizados numa vasta diversidade de aplicações industriais e têm a particularidade importante de poderem trabalhar com potências e tensões elevadas. Permitem monitorizar o comportamento dos motores e ajustar o desempenho dos mesmos consoante a tarefa que se pretende realizar.



Figura 5 - Exemplo de drives industriais

## 2.3 Software para Automação

Para o contínuo caminho em crescendo da implementação de sistemas de automação na indústria, tem sido imperativa a utilização de hardware de controlo e de software especificamente desenhado para atuar sobre o mesmo.

O hardware de controlo possibilita o armazenamento de dados do processo, e se associado a técnicas de controlo que atuam sobre ele permite atingir maiores graus de confiabilidade relativamente ao seu funcionamento (Souza & Medeiros, 2005, p. 19).

O software para automação industrial permite que utilizadores implementem sistemas de controlo e aquisição de dados através de HMIs, sistemas SCADA e servidores OPC. Para tal, na prática, devem estabelecer linhas de comunicação eficientes com componentes de hardware como os PLCs, PACs, Servo Motores ou Módulos de Input e Output.

Existem atualmente no mercado vários casos de sucesso de software para automação. São sistemas que têm vindo a maturar com o tempo, melhorar as suas capacidades e fornecer cada vez mais funcionalidades para uma eficaz implementação de sistemas de automação. Alguns desses casos são:

* Twincat, que é um software do fabricante Beckhoff, aglomera um conjunto de ferramentas e torna qualquer sistema baseado em PC num sistema de controlo em tempo-real com a possibilidade de ter vários PLCs, NCs, CNCs e/ou sistemas robóticos conectados. O Twincat vai na versão 3 e algumas das funcionalidades mais relevantes providenciadas pelo mesmo são a possibilidade de integração com o ambiente de desenvolvimento Microsoft Visual Studio, uma maior liberdade para selecionar linguagens de programação dado que são fornecidas livrarias para conectividade com linguagens mais comuns no mundo do desenvolvimento de software (como C# ou Java), o suporte para a linguagem de programação clássica dos PLCs, a IEC 61131-3, a possibilidade de conecar ao MATLab, entre outras.



Figura 6 - Ambiente de desenvolvimento Twincat 3

* SIMATIC STEP 7, que é um software para controladores do fabricante Siemens e fornece um ambiente gráfico user-friendly para o utilizador criar projetos, converter projetos de versões anteriores e efetuar migrações. A evolução que este software tem sentido, permite que hoje o mesmo ofereça funcionalidades interessantes como maior controlo na criação de variáveis e tipos adicionais de informação tais como ponteiros, matrizes indexadas e estruturas, permite efetuar alterações no código do PLC sem que o autómato esteja em modo parado, efetua automaticamente conversões de dados de pequenas dimensões para formatos de maiores dimensões (como o DInt ou o Dword) quando necessário, entre outras.



Figura 7 - Ambiente de desenvolvimento SIMATIC STEP 7

* PL7, é um software para programação de controladores do fabricante Schneider-Electric e oferece características interessantes como módulos de aplicação específica sem a necessidade de programação, funções predefenidas, resolução de erros, alterações com o PLC em estado online, animação por código, entre outras.



Figura 8 - Ambiente de desenvolvimento PL7

A utilização de software dedicado a automação industrial permite a construção de sistemas cada vez mais evoluídos, dado que os próprios softwares têm sofrido transformações em sentido crescente, permitindo trazer hoje em dia benefícios como maior eficácia na monitorização e controlo das operações a decorrer, diagnósticos do estado do sistema e de potenciais problemas com equipamentos, integração e comunicação de forma eficiente com módulos de input e output, aumento de visibilidade da execução dos processos em tempo real, entre outros.

## 2.4 Fabrico Aditivo

O Fabrico Aditivo, também conhecido como impressão a três dimensões, consiste em produzir um objeto sólido, em três dimensões, proveniente de um ficheiro digital (Canas & Pires, 2014, p. 10), e a criação/produção deste objeto é realizada através de processos aditivos que consistem em imprimir camadas sucessivas com recurso a um determinado material e, por vezes, em determinadas condições (como temperatura, humidade, etc).

O processo de Fabrico Aditivo começou com Chuck Hull, em 1984, quando este criou um processo conhecido como estereolitografia, que utilizava lasers ultra-violeta para curar fotopolímeros. O mesmo Chuck Hull também foi o criador do formato de ficheiros STL (“3D printing -- Additive manufacturing: An introduction.,” 2014) que ainda hoje é bastante aceite pelo software das impressoras 3D.

Uma das grandes vantagens do fabrico aditivo, e que rotulou este processo de prototipagem rápida, foi a possibilidade de confeção de partes de plástico de uma forma rápida, já que o processo tradicional demorava entre seis a oito semana, e mesmo assim as peças ainda poderiam necessitar de ser trabalhadas devido a problemas na manufatura. Assim, a impressora 3D já demonstrava a flexibilidade e rapidez do processo e como isso poderiam ser excelentes características a seu favor.

Ao longo dos anos, o fabrico aditivo continuou o seu caminho evolutivo, com a adição de novos materiais a serem impressos em três dimensões, com a melhoria na precisão da impressão e também com várias empresas a lançarem-se no mercado inovando em vários aspetos. Hoje em dia já é possível imprimir através de várias técnicas de impressão assim como utilizar vários tipos de material (plásticos, metais, cerâmicas, etc) para o efeito.

Apesar de nesta altura os meios de produção tradicionais ainda oferecerem algumas vantagens, nomeadamente em produção de larga-escala, o fabrico aditivo já oferece vários benefícios, como:

* Customização em massa – a possibilidade de criar designs customizados abre portas a possibilidades ilimitadas.
* Novas capacidades – produtos complexos podem ser produzidos sem investimentos avultados e com custos variáveis mais baixos do que métodos tradicionais.
* Tempo de entrega – o design e os ciclos de produção sofrem um grande aumento de velocidade, que torna possível que o produto chegue ao mercado mais rapidamente.
* Cadeia de fornecimento simplificada – a produção está mais perto do ponto de entrega, que simplifica o processo do ponto de vista do inventário.
* Redução de desperdícios – materiais não utilizados podem ser reutilizados para impressão sucessiva, o que significa que o desperdício será menor.

Atualmente o fabrico aditivo ainda prevalece na prototipagem e na produção de lotes mais pequenos, no entanto já tem bastantes aplicações nas várias indústrias:

* Indústria Automóvel: componentes específicos para produção de motores, designs inovadores como conceitos de chassis.
* Indústria Aeroespacial: bicos de combustível de aeronaves, partes de motores a jato.
* Indústria Médica: implantes para a anca ou espinha.
* Entre outros.

Neste momento pode-se afirmar que o fabrico aditivo já é uma solução viável para prototipagem ou para produção de baixa escala. Agora o desafio é evoluir o seu hardware de forma a atingir os requisitos técnicos e de custo necessários para suportar produção de grande escala.

## 2.5 Web para Automação

Atualmente a web é um universo em crescimento de páginas e aplicações interligadas. Há armazenamento e partilha de vídeos e de fotos, há conteúdo interativo, há monitorização em tempo-real de forma remota, há acessos via dispositivos móveis como smartphones ou tablets, etc. Tudo isto é possibilitado pela interação de tecnologias da web e através da evolução dos browsers que proporcionam hoje em dia novas e cada vez mais completas experiências aos utilizadores. A evolução destes dois pilares tem sustentado o enorme crescimento da internet como ferramenta de trabalho, de entretenimento, de pesquisa, de leitura, etc.

### 2.5.1 HTTP

O HTTP (HyperText Transfer Protocol) é um protocolo de comunicação baseado em pedidos (Requests) e respostas (Responses) e é a base da web (Berners-Lee, 1991). Foi inventado por Tim Bertners-Lee em 1990 e já sofreu algumas alterações, mas manteve sempre a simplicidade que o caracteriza.



Figura 9 - Arquitetura do protocolo HTTP

Em 1997 foi publicada a primeira versão standardizada do protocolo HTTP, a versão HTTP/1.1 que serviu para clarificar algumas ambiguidades e trazer algumas vantagens, como a reutilização de conexões, as respostas partidas em “pedaços” ou a negociação de conteúdo entre cliente e servidor (como o idioma, por exemplo).

Uma das maiores alterações ao protocolo HTTP foi implementada em 1994 quando foi criada pela empresa Netscape Communications uma camada adicional de transmissão encriptada sobre o mesmo, a SSL. O SSL sofreu algumas evoluções, entrou nos standards e eventualmente passou a ser TLS.

Esta alteração permitiu que as mensagens trocadas entre cliente e servidor no protocolo HTTP passassem a ser encriptadas, sendo assim garantida a autenticidade e a proteção das mesmas. Esta é a base do aparecimento do que é conhecido hoje como HTTPS.

Em Maio de 2015 foi publicada a standardização mais recente do protocolo HTTP, a versão HTTP/2. Esta versão trouxe algumas diferenças em relação á anterior, como o facto de permitir um servidor popular a cache do cliente, ou o facto de ser um protocolo multiplexado, isto é, permite requests paralelos na mesma conexão.

O feedback acerca da implementação do HTTP/2 nos websites tem sido positivo, dado que até Junho de 2017, 14.7% dos mesmos já estavam a utilizar esta versão do protocolo (“HTTP/2 Usage,” 2017).

O protocolo HTTP está em constante evolução e novas capacidades e funcionalidades estão a ser testadas para serem integradas, que prova que o HTTP tem uma forte capacidade de ser extensível apesar de manter a sua simplicidade para a qual foi criado.

### 2.5.2 Browsers

O navegador web (conhecido como browser, oriundo do inglês web browser), é um programa de software que permite que os utilizadores interajam com ficheiros hospedados em servidores da rede através da sua forma de comunicação baseada em requests e responses. Permite visualizar texto, ficheiros multimédia e navegar entre páginas web.

### 2.5.3 Tecnologias Web

As linguagens de desenvolvimento para a web sofreram uma evolução enorme desde o seu aparecimento, que permitiram que a web se transformasse na poderosíssima ferramenta que é hoje. As mais variadas áreas de aplicabilidade foram atingidas pelas enormes capacidades da web, mas para isso foi essencial que as suas tecnologias se adaptassem e se transformassem, trazendo constantemente novas habilidades para que os programadores pudessem tirar partido.

As linguagens de desenvolvimento para a web deram um primeiro passo com o aparecimento do HTML (HyperText Markup Language), que apesar de ter sido desenvolvido durante os anos 80, apenas apareceu no final da década, em 1989, quando Tim Berners-Lee propôs desenvolver a rede e a forma de consultar os ficheiros remotamente seria utilizando o HTML.

O HTML é uma linguagem baseada em etiquetas (tags) com as quais se define e estrutura as páginas web. Com as etiquetas que vêm descritas no conteúdo dos ficheiros, o browser consegue renderizar o seu conteúdo, que inclui texto, imagens, vídeo, etc. O HTML vai na versão 5.0 e está muito relacionado com as CSS, que são folhas de estilo que descrevem como os elementos HTML serão disponibilizados no ecrã, do ponto de vista estético e organizacional.

Uma outra tecnologia que tem sido fundamental no desenvolvimento e na evolução da web, é o Javascript.

O Javascript nasceu em 1995 quando a equipa que desenvolveu o primeiro browser popular, o Netscape, sentiu a necessidade de expandir a web, de encontrar uma forma que a tornasse mais interativa, mais dinâmica. A web, que era estática na altura, precisava de uma forma de interagir dinamicamente com o conteúdo que exibia, precisava de uma linguagem de scripting que não fosse tão orientada aos programadores numa altura em que a linguagem Java estava a dar cartas, mas sim mais orientada a pessoas que não estivessem num nível tão alto de conhecimento. Nasceu assim a linguagem que supriu estas necessidades, que numa fase inicial foi chamada de Mocha e que é hoje um dos motores da web.

O Javascript é uma linguagem de programação client-side, que significa que o código fonte é processado no browser e não num servidor web, ou seja, uma função javascript pode ser executada após uma webpage ser carregada e sem comunicar com o servidor. Um exemplo prático e comum em muitas páginas é a validação de formulários, desta forma a página disponibiliza de uma função a validar se o formulário está bem preenchido antes sequer de comunicar com o servidor.

O Javascript evoluiu bastante e nos dias que correm já se estendem a outras funcionalidades bem mais complexas do que a validação de formulários.

O HTML juntamente com a CSS e o Javascript formam o conjunto de tecnologias base para o crescimento da web ao nível das tecnologias do lado cliente.



Figura 10 - Client Side da web

No entanto, convém também fazer referência ao lado servidor da web. O Cliente envia pedidos para um servidor onde podem estar alojados scripts, cálculos, algoritmos capazes de tratar do pedido efetuado e devolver uma resposta. Esse lado pode também ser complementado por bases de dados para armazenar informação.

Nos primórdios da web o scripting do lado servidor era desempenhado quase exclusivamente através de uma combinação de linguagens e tecnologias (C, Perl, Shell, etc) que eram executados pelo sistema operativo e os resultados eram servidos de volta pelo servidor web. Atualmente, muitos servidores web modernos conseguem executar diretamente os scripts. Exemplos disso são linguagens como ASP, JSP, Perl, PHP, NodeJS, entre outras, que se encontram já bastante disseminadas pela web.

Assim, temos os componente fundamentais para a arquitetura base de uma aplicação orientada para a web:

* Cliente – São os browsers e um conjunto de tecnologias renderizadas e executadas pelos mesmos (HTML, CSS e Javascript)
* Servidor – Servidores web e linguagens de programação com possibilidade de comunicação com Bases de Dados



Figura 11 - Arquitetura base de aplicações web

Ao longo dos anos o desenvolvimento para a web evoluiu em vários sentidos, foram criados novos estilos arquiteturais, novos padrões para desenhar uma aplicação, novas ferramentas foram sendo também disponibilizadas aos programadores, novas linguagens e frameworks foram sendo construídas e hoje quando surge necessidade de criação de uma aplicação web, a oferta tecnológica é vasta, e por isso convém definir bem quais as necessidades e os requisitos que a aplicação terá antes de tomar decisões do foro técnico.

### 2.5.4 Realidade Aumentada

No entanto, no largo espectro das TI há várias áreas que têm vindo a emergir para além do foro da investigação. Vários ramos têm vindo a ser aposta quer na indústria, quer num contexto mais empresarial, devido ao seu estado de maturação que pode já ser suficientemente sólido para valer o risco e aos benefícios que podem trazer.

Um destes casos é a Realidade Aumentada, que pode ser definida como “qualquer tecnologia que insere interfaces digitais no mundor real” (Mohn, 2015). Tipicamente são utilizados acessórios como óculos ou smartphones para projetar estas interfaces digitais no mundo real.

Os primeiros dispositivos disponibilizados para o público e que não foram direcionados para os jogos de computador ou consolas surgiram em 2012 com o aparecimento dos Google Glass, que foram desenhados para munir os utilizadores de de interfaces digitais que os permitissem interagir de forma similar a que interagimos hoje com um smartphone, ou seja tirar fotografias, procurar direções, etc. No entanto, o Google Glass não se revelaram um sucesso apesar das grandes tecnológicas acreditarem que os acessórios tecnológicos como óculos, relógios ou pulseiras se tornariam eventualmente partes normais do dia a dia na sociedade.

Entretanto outras tecnológicas apostaram no desenvolvimento desta tecnologia, como foi o caso da Magic Leap e mais tarde da Microsoft com o produto Hololens. Estas empresas têm planos para o futuro da Realidade Aumentada, no entanto ainda encontram alguns obstáculos, como por exemplo desenvolverem acessórios tecnológicos que sejam pequenos e leves o suficiente, mas computacionalmente poderosos o suficiente para proporcionarem a sensação de realidade. O desempenho da tecnologia de Realidade Aumentada é, neste momento uma das características na qual as empresas estão a investir para tornarem possível uma integração com o mundo real o mais suave e natural possível. Apesar disto vários setories da indústria têm vindo a apostar na integração de produtos de Realidade Aumentada, como são o caso do turismo onde já existem aplicações para smartphone capazes de dar informação ao utilizador acerca da realidade captada na câmara (por exemplo a app World Lens), ou o setor da indústria de produção onde criaram uma aplicação para smartphone que ajuda trabalhadores de um armazém a localizar objetos e ordenar pacotes, ou o setor da saúde, onde criaram uma plataforma suportada por vídeo chamada Viipar que funciona via Google Glass e ajuda um cirurgião durante uma cirurgia servindo de guia.

### 2.5.5 Cloud Computing

Outro paradigma tecnológico que emergiu ao longo dos últimos anos é o Cloud Computing que mudou a forma como são fornecidos os serviços de TI.

O Cloud Computing consiste em “mover serviços, poder computacional ou dados para uma localização transparente, interna ou externa á organização em instalações centralizadas ou contratadas” (“Cloud Computing: An Overview,” 2009).

Este paradigma traz alguns benefícios como a capacidade de multiutilização a larga-escala que acaba por trazer vantagens económicas muito significativas, o facto de ser baseado num modelo de self-service permite que se transforme elevados custos fixos em despesas variáveis, traz flexibilidade e grande capacidade de escalabilidade, traz uma plataforma onde terceiros podem acrescentar valor, entre outros.



Figura 14 - Arquitetura Cloud Computing

O mundo da automação industrial pode beneficiar bastante da convergência com paradigmas e tecnologias emergentes, tirando por exemplo partido da capacidade de resposta das mesmas, das animações ricas e que podem proporcionar melhores experiências e da integração natural com outras partes da infraestrutura corporativa. Este conceito abre caminho para que todos os participantes de um determinado ciclo de produção possam obter acesso a informação acerca do mesmo de forma remota e em tempo real.

### 2.5.6 Indústria 4.0

Esta evolução tecnológica a vários níveis leva-nos até ao termo “Indústria 4.0”.

A Indústria 4.0, também referenciada como “quarta revolução industrial” consiste numa combinação de várias inovações do ponto de vista tecnológico que estão a transformar os setores da energia e da indústria de produção (Boone, 2017). Inovações como robótica avançada, cloud computing, inteligência artificial, smartphones, impressão 3D, entre outras, todas combinadas estão a mudar a forma como a indústria e os negócios são operados.



Figura 15 - Indústria 4.0

Da perspetiva da indústria de produção, significa que um robot consegue conectar-se remotamente a um sistema computacional e este por sua vez pode controlar robots com muito pouca (ou nenhuma) intervenção humana. Estas integrações e relações entre paradigmas trouxeram á tona o conceito de “smart factories” (fábricas inteligentes) que consistem em sistemas ciber-físicos capazes de monitorizar processos físicos relativos a uma linha de produção (ou relacionado com). Estes processos físicos serão capazes de comunicar e cooperar entre eles e também com humanos em tempo real. Sintetizando, uma fábrica para ser considerada uma “smart factory” deve incluir quatro fatores: interoperabilidade, transparência na informação, assistência técnica e tomada de decisões descentralizada (Boone, 2017).



Figura 16 - Fábrica Inteligente

Interoperabilidade refere-se á capacidade de máquinas, dispositivos, sensores e humanos conectarem e comunicarem entre eles, transparência na informação refere-se ao facto de sistemas criarem cópias virtuais de processos físicos através de dados dos sensores para estudarem o contexto da informação. Assistência técnica é a capacudade de um sistema permitirem e também guiarem humanos na tomada de decisões e apoiarem humanos na concretização de tarefas que são de complexidade alta ou inseguras. Por último, a tomada de decisões descentralizadas refere-se á capacidade de sistemas ciber-físicos tomarem decisões autonomamente sem intervenção humana.

Dito isto, é fácil perceber que empresas que adotem uma abordagem de “Indústria 4.0” deverão manter alguns aspetos em atenção como a digitalização completa das suas operações que é necessária e a reestruturação de produtos e serviços pode também o ser.

Então pode-se concluir que a “Indústria 4.0” ou a quarta revolução industrial é diferente de revoluções anteriores no sentido em que surge de uma combinação de tecnologias e as suas interações por entre domínios físicos e digitais e estes avanços tecnológicos estão a permitir que empresas se tornem mais eficientes do que nunca.

### 2.5.7 Human-Machine Interfaces

O ponto de contacto entre um operador e uma máquina é fundamental e quanto mais capaz este for de fornecer a informação certa no momento certo e de providenciar as melhores ferramentas para o operador atuar, melhor. Com os avanços tecnológicos já descritos, este ponto de contacto, chamado de HMI (Human-Machine Interface), pode-se tornar numa interface inteligente que assiste e guia o operador nas suas decisões e nas suas ações.

Uma HMI pode-se descrever como uma combinação entre componentes de hardware e software que, juntos, têm a capacidade de fornecer ao utilizador as ferramentas e a informação necessária para que este seja capaz de manusear, monitorizar e controlar um equipamento. As HMIs estão presentes nos mais variados tipos de sistemas/equipamentos para os mais diversos fins, como no controlo de comboios, máquinas de CNC, equipamento de laboratório médico, etc, e todas devem conter todos os elementos necessários para uma utilização/manuseio completo por parte do utilizador.



Figura 17 - Human-Machine Interface

Uma HMI deve ter em consideração fatores como a segurança, ergonomia, os standards da indústria, uma clara definição dos requisitos funcionais, o nível de conhecimento do operador, etc.

É essencial que a HMI desenvolvida responda claramente às seguintes questões:

* Quantas serão e quais as funções controladas pela interface?
* Como será controlada cada função? Existem diversas possibilidades como botões, switches, etc.
* Qual o tipo de feedback a dar ao operador que melhor serve o propósito quando este está a executar funções na HMI?
* Para cada função na HMI, o operador necessita de obter que informação prévia?

Segundo artigo divulgado pela revista “Control Engineering” (Pannone, 2015), para qualquer que seja o nível de conhecimento do operador (iniciante ou avançado), a HMI deve considerar os seguintes fatores ergonómicos:

* **Panel Layout**: o panel deve ser desenhado para fornecer ao operador grupos de informação relacionada de uma forma previsível e consistente.
* **Seleção de componentes da HMI**
* **Esquema de cores**: a chave para um esquema de cores eficiente é a simplicidade. Demasiadas cores devem ser evitadas e o modelo do semáforo para ações chave pode ser usado, como vermelho para Stop, amarelo para avisos e verde para OK/Start.
* **Feedback**: o Feedback é crítico para a eficiência e eficácia do operador e este pode ser visual, sonoro, tátil ou uma combinação destes.
* **Considerações de segurança**

Uma HMI deve ter a capacidade de efetuar a conexão com o sistema/equipamento que está debaixo do seu controlo, assim como outros sistemas/equipamentos que estejam possivelmente relacionados.

De realçar ainda a importância da perceção do ambiente físico a que a HMI estará exposta, situações como exposição a altas temperaturas, contacto com líquidos, humidade, devem ser consideradas para fornecer a melhor e mais adequada proteção à mesma.

Ainda o mesmo artigo refere que uma interface apropriada entre a máquina e o operador humano tem um grande impacto na eficiência e na facilidade de uso da mesma, e deve promover uma ligação harmoniosa entre ambos, constatando também que uma HMI para ser confiável e fornecer um desempenho seguro, eficiente e intuitivo depende da aplicação das melhores práticas de engenharia no design, na produção, nos testes e nos processos de garantia de qualidade.

### 2.5.8 Sistemas Scada

Sistemas SCADA são sistemas que utilizam tecnologias de computação e comunicação para automatizar e apoiar a monitorização e controlo de processos industriais (Constain, Queiroz, & Catarina, 2011).

O termo SCADA provém do inglês “Supervisory Control and Data Acquisition”, cuja tradução literal é Controlo Supervisório e Aquisição de Dados, e como o próprio nome indica o foco do sistema é a um nível supervisório, ou seja, é um pacote de software que se posiciona por cima do hardware com o qual faz interface (Daneels & Salter, 1999, p. 339).

Este tipo de sistemas está bastante implementado em ambientes industriais e tem capacidades para apoiar em sistemas complexos ou geograficamente dispersos, na medida em que podem recolher os dados de grandes quatidades de fontes para depois serem apresentados a um operador de maneira intuitiva e amigável. As vantagem da implementação de sistemas SCADA em processos industriais, é que estes fornecem a informação em tempo oportuno, permitindo assim controlar e monitorizar processos e tomar decisões operacionais da forma mais apropriada.

De uma forma genérica pode-se arquitetar um sistema SCADA de acordo com a figura seguinte.



Figura 18 - Arquitetura Sistema SCADA

Através da Figura anterior é possível constatar que um sistema SCADA pode basear-se em: um SCADA Server para integrar toda a informação oriunda dos PLCs e/ou dos clientes de forma a tornar todos os componentes do sistema num sistema único e integrado, clientes SCADA diretamente ligados (por exemplo por Ethernet) ao SCADA Server, um Web Server para servir através de protocolos web, e clientes SCADA web que conectam com o Web Server através da internet. Adjacente ao sistema SCADA estão sensores e atuadores no processo físico para obter informação do mesmo e atuar sobre ele, um ou mais PLCs para receber a informação do processo físico e dar as ordens a executar sobre o mesmo. No entanto é relevante realçar que este é apenas um esboço de uma possível arquitetura de sistemas SCADA e que os mesmos podem ser mais complexos.

Algumas das funcionalidades típicas de sistemas SCADA são:

* Controlo de acessos: utilizadores são definidos por grupos com as respetivas permissões
* Criação de diagramas sinópticos que representam determinadas áreas do processo. Este tipo de diagrama é no fundo uma representação com a estrutura e arquitetura do processo onde se podem utilizar imagens/objetos gráficos ou texto
* Conceito de objetos gráficos que ficam ligados a variáveis do processo: normalmente estes objetos vêm incluidos em livrarias gráficas e podem ser utilizados nos diagramas sinópticos
* Gráficos de tendências das variáveis do processo: permitem analisar de forma rápida e intuitiva a evolução das mesmas
* Alarmística: permite monitorizar automaticamente determinadas variáveis do processo e assim que cumpridas certas restrições, lançar alarmes para o operador
* Histórico: registo de todos os eventos relevantes ao processo
* Relatórios: compilar determinada informação em formato de relatórios de forma a tornar a tomada de decisão mais eficaz
* Controlo de processos: código desenvolvido em linguagens de programação (como Visual Basic, C ou até Java) pode ser incorporado em sistemas SCADA de forma a poder programar tarefas que respondam a eventos do sistema. Por exemplo enviar comandos ao sistema de controlo para ligar ou desligar equipamentos, entre outros

Assim, de uma forma resumida pode-se considerar que os sistemas SCADA trazem potenciais benefícios como a capacidade de detalhar automaticamente a natureza e gravidade de determinados problemas em áreas do processo eliminando a necessidade de monitorização manual, possibilidade de acesso remoto ao sistema através da Internet e um portátil/smartphone/tablet que permite maior controlo e monitorização, operadores deixam de ter necessidade de manter centenas de registos relativos a variáveis do processo dado que o sistema permite acesso a esta informação a qualquer momento, a utilização deste tipo de ssitemas garante que todas as áreas do processo envolvidas são integradas numa plataforma comum permitindo um melhor relacionamento entre os dados, entre outros.

## 2.6 Abordagens Existentes

### 2.6.1 Controlo e Automação na Indústria

Sistemas para controlo e automação estão já bastante disseminados pelos vários setores da indústria. São bastantes os casos de sucesso de sistemas implementados que otimizaram, reduziram custos, melhoraram eficácia, melhoraram os níveis de segurança, entre outras vantagens que o controlo e a automação trazem para um processo.

Quando a Audi redesenhou o modelo A3, necessitou de uma linha de produção nova que tinha requisitos específicos do ponto de vista da flexibilidade que necessitava, a performance e o diagnóstico para uma solução de automação. A solução passou por utilizar PLCs de alta perfomance dado que o sistema na sua totalidade utilizava 800 robots, assim como HMIs apropriadas e customizadas ao contexto que permitiam visualizar as células de produção. Como resultado foi obtida uma rede de automação capaz de dar resposta ao desafio lançado, ou seja, mais rápida do ponto de vista de produção, mais fácil e flexível de programar, se acontecem falhas são simples de detetar e diagnosticar o problema e que acaba por ter como consequência operadores melhor preparados para dar início a manutenção preditiva antes que o problema se torne grave.

Numa outra companhia do setor automóvel foram implementados processos de automação, mais concretamente baseados em SPC (Processo de Controlo Estatístico) para procedimentos de inspeção final de produtos, de forma a garantirem maior robustez e mais qualidade efetiva nos mesmos (Guerra, Sousa, & Nunes, 2016). Um SPC é uma técnica poderosa para monitorizar, analisar, gerir e melhorar a performance de processos através da utilização de métodos estatísticos, e permite avaliar a variabilidade existente num determinado processo de produção, assim como permite disparar certas ações de controlo.

As principais razões que levaram á implementação de automação das operações de garantia de qualidade dos produtos foram: poder ter uma base de dados que agrega todos os dados das medidas tiradas durante processos de produção, melhorar procedimentos de rastreabilidade dos dados, tornar os dados mais confiáveis, aumentar a eficiência do SPC existente e também a dificuldade que existia em realizarem vários tipos de estudo estatístico.

Na implementação de um novo processo de automação é imperativo compreender todos os procedimentos envolvidos, e como tal foi necessário desenvolver um plano de implementação. Conhecer as características dos produtos, conhecer a informação necessária para possibilitar a rastreabilidade dos dados coletados, ou qual o tratamento dado a características críticas da qualidade do produto, foram aspetos a ter em conta dada a sua relevância para o processo. Além disto, o plano de implementação envolveu estudar e analisar o software adquirido (Q-DAS devido á sua eficiência em armazenar e analisar dados) para o processo de automação, criar uma equipa multidisciplinar, instalar o hardware necessário e desenhar a interface entre o equipamento de monitorização e o software.

Após implementado o processo de controlo e automação para inspeção da qualidade dos produtos foi possível verificar que houve ganhos no que diz respeito ao tempo para executar tarefas de medição da qualidade, sendo que para a inspeção de um lote de produção houve ganhos totais de 18 minutos (ver Figura seguinte) em comparação com os procedimentos prévios á automação.



Figura 19 - Ganhos de Tempo (Fonte: (Guerra et al., 2016))

Considerando que em média esta estação executa 5 inspeções por dia, perfazendo um total de 1125 inspeções anuais, que representam ganhos de 338 horas de produção (Guerra et al., 2016).

Na indústria alimentar também tem sido aposta a implementação de sistemas de controlo e automação. A revista “Control Engineering” (Gill, 2017) relata que a pressão exercida pelos consumidores e pelos retalhistas para que sejam produzidos mais alimentos de forma segura, está a levar a um forte investimento em automação.

Um outro caso na indústria da pesca onde foi proposta a introdução de soluções de automação no processo de embalamento e paletização que é realizado no fim da linha de processamento de salmão de uma empresa baseada na Noruega (Kerezovic & Sziebig, 2016). Devido á expansão da empresa, novas instalações estão em construção e faz parte dos planos da mesma investir em soluções tecnológicas modernas que tragam qualidade e velocidade ao processamento do peixe, assim como redução do trabalho manual e respetivos custos.

O embalamento e paletização de fim de linha é um termo que inclui várias ações como carregar filetes para caixas abertas, pesar, fechar e catalogar as caixas, passar as caixas por detetor de metais e paletizar os produtos. Estas ações até até á proposta de solução de automação eram executadas manualmente.

A solução proposta consistia numa linha automatizada capaz de abrir, fechar, pesar, catalogar e paletizar as caixas, como e possível verificar na Figura seguinte.



Figura 20 - Linha de Paletização Automatizada (Kerezovic & Sziebig, 2016)

Antes desta proposta de solução, a linha era capaz de processar 260 caixas por hora, que resultava em 4.3 caixas por minuto. Com a solução automatizada a estimativa era de 18 a 20 caixas por minuto, que resultava em ganhos de 15.7 a 13.7 caixas por hora.

Os grandes armazéns e centros de distribuição da indústria também têm vindo a sentir uma grande necessidade de aposta em soluções de automação, muito devido a várias tendências nesse nicho de mercado de trabalho.

Em várias regiões dos Estados Unidos a população trabalhadora está a envelhecer rapidamente e dado que o tipo de trabalho de armazém é fisicamente exigente, o número de possíveis trabalhadores torna-se cada vez mais limitado (Sowinski, 2017). Ao mesmo tempo o número de nascimentos tem vindo a decrescer, que resulta em menos pessoas a entrarem no mercado de trabalho.

Outro fator chave para a crescente necessidade de soluções de automação é o aumento do custo laboral derivado de novos salários mínimos e o aumento de volume de negócios através do “e-commerce”, onde as grandes empresas como a Amazon contratam milhares de trabalhadores de armazém e forçam outras a darem melhores condições para se manterem atrativas.

Posto isto, é claro para as empresas que faz todo o sentido tornarem-se o mais independente possíveis destas variabilidades, e como tal, tendem a investir em software e soluções mecanizadas, ou até mesmo armazéns 100% automáticos (Sowinski, 2017).

### 2.6.2 Sistemas Web-Based para Controlo e Automação

A evolução tecnológica leva a que haja cada vez mais convergência entre o mundo das Tecnologias de Informação e a Automação. São cada vez mais os casos de sucesso de aplicabilidade de TI em Automação.

Um caso de estudo onde foi utilizado um PLC como um servidor web permitiu monitorizar remotamente um processo tecnológico (Kacur, Durdan, & Laciak, 2013).

Tirando partido das capacidades das tecnologias web, a monitorização pode ser feita de forma remota, em qualquer ponto do planeta desde que com acesso á internet. Neste caso, 2 processos tecnológicos foram utilizados como objetivo para a monitorização remota: enrrolamento de bobinas de aço e a gaseificação do carvão e em ambos foram monitorizadas valores relativos á temperatura.

De uma forma resumida o sistema consistia em sensores de temperatura junto do processo físico (a uma distância de segurança e onde fossem garantidas todas as condições necessárias) e ligados ao PLC através de fio elétrico. No PLC constavam todas as variáveis relativas ao processo como as temperaturas, pressões, etc e também uma página web (e servidor web) onde disponibilizavam esta informação. O PLC estava também ligado a um router que permitia a partilha da página web através do protocolo HTTP e também disponibilizava a informação a um cliente local através de uma aplicação desktop desenvolvida em Java.



Figura 21 – Arquitetura para monitorização remota dos processos. Fonte: (Kacur et al., 2013)

Na primeira abordagem, uma página web foi desenvolvida com as tecnologias HTML, ASP e Javascript. Esta era atualizada dinamicamente e para aceder á mesma de forma remota bastava um browser onde se colocava o endereço da página e conexão á internet.

Na segunda abordagem foi desenvolvida uma aplicação desktop em Java que permitia monitorizar diretamente as variáveis do processo. Aqui não era necessário o browser mas era necessário ter o Java instalado.

Como servidor web foi utilizado o que vem integrado no PLC do fabricante B&R e com a plataforma Automation Runtime SG4.

Desta forma é possível monitorizar remotamente, coletar dados, processar dados coletados remotamente, configurar parâmetros do processo, etc.

O resultado da implementação da página web para monitorização do processo de enrolamento de bobinas de aço foi o da figura seguinte.



Figura 22 - Página web dinâmica para monitorização. Fonte: (Kacur et al., 2013)

Esta abordagem permite acesso remoto via qualquer dispositivo que tivesse browser instalado, desde portáteis a tablets ou smartphones.

Para monitorização da temperatura do processo de gaseificação o resultado foi o da figura seguinte.



Figura 23 - Aplicação Java para monitorizar temperatura. Fonte: (Kacur et al., 2013)

Como conclusão, o artigo refere que foram utilizadas duas abordagens distintas para monitorização de um processo físico remotamente, uma através da utilização do browser para acesso, outra através do desenvolvimento de uma aplicação desktop em Java. Ambas se revelaram um sucesso e podem ser estendidas á monitorização de outros processos físicos.

Outro caso de implementação de um sistema baseado na web para controlo e automação foi apresentado numa conferência de Sistemas e Controlo (Bermudez-Ortega, Besada-Portas, Lopez-Orozco, Chacon, & de la Cruz, 2016), em que foi desenvolvido um sistema baseado em tecnologias web para controlo remoto de PLCs de um laboratório de controlo através de um browser.

O sistema consistia num PLC do fabricante Beckhoff com o software Twincat, que permitia executar experiências de controlo num laboratório. Como servidor web foi utilizado o Node.JS que tem uma implementação para conectividade ao Twincat e no frontend da aplicação páginas web com recurso á livraria Easy Javascript Simulations (EjsS).



Figura 24 - Arquitetura do sistema para controlo remoto de laboratório. Fonte: (Bermudez-Ortega et al., 2016)

O objetivo da implementação deste sistema passava por fornecer aos estudantes de uma universidade uma forma destes poderem realizar experiências de controlo a qualquer momento e a partir de qualquer localização que tenha acesso á internet, e também permitir que estes tivessem acesso mais frequentemente a equipamento real, incentivando-os a investir na aprendizagem. Além disto, o facto de o controlo ser remoto transmitia uma maior segurança porque algumas das experiências eram de natureza perigosa para a integridade física.

Uma das experiências utilizadas neste contexto foi o controlo de um Quanser Hover, que é um sistema com motor utilizado para controlo de quadricópteros, que por sua vez estava conectado fisicamente a um PLC do fabricante Beckhoff, com o software Twincat. Este software permite efetuar desenvolvimentos do ponto de vista da automação e controlo, e o Node.JS possui uma implementação que permite conectar ao mesmo e obter informação ou enviar informação para este.

Por sua vez o Node.JS fazia de servidor web e qualquer dispositivo com browser conseguia aceder a uma página HTML que permitia enviar e receber a informação do PLC.

O resultado desta experiência de controlo remoto foi o da Figura abaixo.



Figura 25 - Página no browser para controlo remoto. Fonte: (Bermudez-Ortega et al., 2016)

Como conclusão o artigo refere que o objetivo de realizar experiências de controlo remotamente foi atingido com sucesso e o servidor web Node.JS revelou ser robusto e leve para este tipo de aplicabilidade.

Outro caso relevante para o tema e que vai um pouco de encontro ao caso anterior, foi apresentado na segunda conferência internacional de Engenharia de Automação e Controlo de Mecânica (Li & Zhang, 2011), onde foi desenvolvida uma solução para realizar experiências remotas de controlo num PLC.

O sistema desenvolvido incluía um manipulador pneumático como objeto de controlo, ligado ao PLC (modelo S7-224 PLC do fabricante Siemens). Este continha uma placa de rede e estava ligado por ethernet a um servidor com sistema operativo Windows 2000 e com o software STEP7-Micro/WIN32 instalado. Este software é também do fabricante Siemens e serve para efeitos de desenvolvimento de projetos de automação.

O servidor por sua vez estava conectado a um hub de rede que permitia acesso remoto por clientes na rede interna e na internet.



Figura 26 - Arquitetura do sistema para controlo de PLC remotamente. Fonte: (Li & Zhang, 2011)

O servidor tinha instalado um servidor web onde alojava as páginas HTML e os Java “Applets” (scripts escritos em Java que correm no browser) e disponibilizava acesso através do protocolo HTTP.

O resultado da página web que monitorizava variáveis do PLC foi o da Figura seguinte.



Figura 27 - Página web para controlo das variáveis do PLC. Fonte: (Li & Zhang, 2011)

Em jeito de conclusão é referido no artigo que criar um laboratório para controlo remoto através da web é possível, utilizar Javascript para atualização dinâmica da página web que monitoriza as variáveis do PLC é possível, e que foi detetada alguma demora na transmissão dos dados, ou seja, utilizando estas tecnologias o sistema necessitava de ser otimizado. Finalmente o artigo refere também que métodos para controlo experimental remoto estão em investigação, que poderão trazer muito valor a aplicações industriais, investigação científica e educação á distância.

Parte do projeto a que me propus desenvolver está relacionado com o tema “Impressão 3D”, ainda que aplicado num contexto industrial. Posto isto, é relevante mencionar que já existem atualmente sistemas web-based para monitorização, e até certo ponto, controlo, de impressoras 3D, como é o caso do fornecido pela Markforged (<https://markforged.com>).

A Markforged é um fabricante de impressoras 3D que são capazes de trabalhar com vários tipos de materiais e com vários fins de aplicabilidade. Têm vários modelos de impressoras com características diferentes, no entanto todas são acessíveis fora de contexto industrial, quer pelo ponto de vista do tamanho das mesmas, quer pelos preços (o modelo Onyx One custa 4499€ na Europa).

A aquisição de uma impressora da Markforged traz também anexado um software web-based, chamado “Eiger” que permite monitorizar e controlar parcialmente a impressora.



Figura 28 - Software Eiger. Fonte: https://markforged.com/eiger/

O “Eiger” fornece funcionalidades interessantes como:

* É acessível através de qualquer dispositivo com um browser
* Permite importar desenhos de peças remotamente para serem impressas
* Permite visualizar as camadas da impressão
* Permite alterar características da peça, como dimensões, posicionamento, material, etc
* Permite monitorizar parâmetros da impressão em tempo real
* Permite armazenar e visualizar peças anteriormente impressas
* Fornece visualizar uma peça em 3D e 2D
* Entre outras

### 2.6.3 Realidade Aumentada na Indústria

Com a evolução e maturação da Realidade Aumentada, era expectável que começasse a ser aposta a sua integração com o mais variado tipo de sistemas e aplicabilidades, pois os benefícios que daí podiam aparecer eram imensos.

Exemplo dessa aposta é um artigo publicado sobre um sistema para design 3D apoiado por Realidade Aumentada (Aoki, Mitani, Kanamori, & Fukui, 2015).

Dado que nos últimos anos as impressoras 3D atraíram muita atenção devido á sua capacidade e facilidade de transpor para a realidade uma peça 3D desenhada num software apropriado e também devido á tendência dos preços se tornarem cada vez mais acessíveis aos consumidores mais comuns, novos problemas apareceram: o software convencional para criação de peças em 3D é complexo para quem não é especialista na área e muitas vezes as peças geradas pelos mesmos não estão em condições de serem impressas devido a falhas como a existência de buracos ou de interseções na superfície. Assim, o artigo descreve que o sistema desenvolvido utiliza Realidade Aumentada para simular as peças através da sincronização dos sistemas de coordenadas real e virtual com utilização de marcadores de Realidade Aumentada e de uns óculos específicos com um ecrã de Realidade Aumentada.

A interface de RA desenvolvida utilizou os óculos Vuzix STAR1200XL e o sistema foi implementado com a linguagem de programação C++ e com recurso á livraria gráfica OpenGL.

Foram utilizados dois tipos de marcadores de RA, um para determinar a posição e a orientação do objeto 3D que está a ser editado e outro para fornecer uma ferramenta de edição através de uma interface do tipo air-spray que permite editar a peça e de um rato wireless. No fundo este tipo de interface permite editar para onde o marcador estiver a apontar, sendo assim semelhante a um spray.

O sistema fornece feedback visual ao utilizador através da alteração das cores para indicar funções da interface e o estado operacional.



Figura 29 - A interface do sistema através dos óculos e dos marcadores de RA. Fonte: (Aoki et al., 2015)



Figura 30 - Uma peça a ser modelada. Material virtual é "despejado" do spray na mão direita. Fonte: (Aoki et al., 2015)

Resultados de peças criadas a partir do sistema descrito podem ser vistos na Figura seguinte.



Figura 31 - Á esquerda a peça em RA, ao centro a peça em software de modelação 3D e á direita a peça impressa. Fonte: (Aoki et al., 2015)

Como conclusão o estudo refere que através dos resultados obtidos foi confirmado que é possível produzir ou imprimir uma grande variedade de formas com o apoio de uma interface de RA que funciona de uma forma idêntica a um spray, e que utiliza replicação para criar estruturas simétricas automaticamente. Assim, torna-se possível que utilizadores sem grandes competências do ponto de vista do desenvolvimento de peças 3D possam imprimir objetos 3D.

São vários os setores da indústria onde existem possíveis aplicações de RA, por exemplo na indústria médica, uma aplicação de RA é com a visualização de imagens ultrassom num ecrã (por exemplo de uns óculos de RA), sendo que o técnico de ultrassom conseguiria ver uma imagem volumétrica renderizada, como seria o caso de um feto dentro do abdómen de uma mulher grávida (Mehdi Mekni, 2014).

Na indústria de fabrico, mais concretamente nas linhas de produção, instruções gráficas de montagem e animações sequenciais podem ser previamente codificadas numa fase de design para conjuntos de procedimentos típicos (ver Figura seguinte). Estas sequencias podem ser reproduzidas virtualmente em produtos reais nas linhas de montagem, ajudando e formando os operadores de montagem. Esta abordagem traz claros benefícios como redução de tempo de montagem, reduzindo também tempo de entrega e margem de erro humano (Mehdi Mekni, 2014).



Figura 32 - Montagem de produto animada em ambiente de RA. Fonte: (Mehdi Mekni, 2014)

Na indústria dos jogos e entretenimento também há casos de aplicabilidade de RA, tanto para criar jogos á volta de ambiente de RA, como por exemplo para fornecer vários detalhes sobre um determinado jogo a ser transmitido.

Um caso é o Fox-Trax system utilizado para realçar a localização de um disco de hóquei enquanto este se move rapidamente pelo ringue (Cavallaro, 1997).

Na indústria do turismo também há casos de aplicabilidade de RA, tal como o The Archeoguide que é um projeto de RA que visa fornecer informação arqueológica a visitantes de determinados locais considerados património mundial (Mehdi Mekni, 2014).

Na Engenharia Civil e Planeamento Urbano pode ajudar na tomada de decisões e visualização de edifícios de forma virtual em cenários reais, como por exemplo o A4D (Capo, A.J., Carreras, J., Dias, J.M., Galli, R., & Gamito, 2003).

Neste momento há muitas possíveis direções que a RA pode tomar dentro dos vários contextos, no entanto é possível identificar alguns fatores que serão desafios dos sistemas de RA nas várias aplicabilidades: os acessórios (como luvas, óculos, etc) podem tornar-se limitações dos sistemas e necessitam de ser mais leves, pequenos e fáceis de utilizar, o próprio hardware pode necessitar de evoluir de forma a ter capacidade computacional suficiente para tornar os sistemas fluídos, a deteção de obstruções, entre outros.

# 3. Análise do Problema

Não fará parte da entrega de Julho.

# 4. Desenvolvimento do Projeto

Não fará parte da entrega de Julho.

# 5. Conclusões

Não fará parte da entrega de Julho.

# 6. Referências

3D printing -- Additive manufacturing: An introduction. (2014). Retrieved from http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&site=eds-live&db=bth&AN=97629391

Alphonsus, E. R., & Abdullah, M. O. (2016). A review on the applications of programmable logic controllers (PLCs), *60 OP*-*I*, 1185. https://doi.org/10.1016/j.rser.2016.01.025

Aoki, H., Mitani, J., Kanamori, Y., & Fukui, Y. (2015). AR based ornament design system for 3D printing, *2*(1 OP-Journal of Computational Design and Engineering, Vol 2, Iss 1, Pp 47-54 (2015)), 47. https://doi.org/10.1016/j.jcde.2014.11.005

Bermudez-Ortega, J., Besada-Portas, E., Lopez-Orozco, J. A., Chacon, J., & de la Cruz, J. M. (2016). 2016 IEEE Conference on Control Applications (CCA), Control Applications (CCA), 2016 IEEE Conference on (p. 810). https://doi.org/10.1109/CCA.2016.7587918

Berners-Lee, T. (1991). The Original HTTP as defined in 1991. *World Wide Web Consortium (W3C)*.

Boone, L. (2017). Industry 4.0 (Fourth industrial revolution). Retrieved from http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&site=eds-live&db=ers&AN=119214086 OP - Salem Press Encyclopedia, January, 2017. 2p.

Canas, R. M. da S., & Pires, J. S. (2014). Simoldes : the impact of additive manufacturing : 3D Printing Technology. Retrieved from http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&site=eds-live&db=edsrca&AN=rcaap.openAccess.10400.14.16813

Capo, A.J., Carreras, J., Dias, J.M., Galli, R., & Gamito, M. (2003). A4D: Augmented Reality 4D System for Architecture and Building Construction.

Carvalho, A. I. R. de, & Ferrolho, A. M. P. (2016). *Desenvolvimento e melhoramento da Célula Flexível de Fabrico da ESTGV*. Retrieved from http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&site=eds-live&db=edsrca&AN=rcaap.openAccess.10400.19.3090

Cavallaro, R. (1997). The FoxTrax hockey puck tracking system. *IEEE Computer Graphics and Applications*. https://doi.org/10.1109/38.574652

Cloud Computing: An Overview. (2009). *Queue*, *7*(5), 2:3--2:4. https://doi.org/10.1145/1551644.1554608

Constain, N. B. P., Queiroz, M. H. de, & Catarina, U. F. de S. (2011). Integração de sistemas SCADA com a implementação de controle supervisório em CLP para sistemas de manufatura. Retrieved from http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&site=eds-live&db=edsrca&AN=rcaap.brazil.123456789.95357

Daneels, A., & Salter, W. (1999). What is SCADA?

Dias, F. A. N. B., & Fonseca, I. S. A. da. (2015). Desenvolvimento de ferramenta para interligação de dispositivos utilizando protocolos industriais. Retrieved from http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&site=eds-live&db=edsrca&AN=rcaap.openAccess.10400.26.16571

Dorf, R. C., & Bishop, R. H. (2010). *Modern Control Systems*.

Gill, S. (2017). Easier automation for food production: what will future food manufacturing look like? Control Engineering Europe spoke to some key industry vendors about the future of food production. As the need for skilled labor increases, and regulations require track and trace records, advanced automation is getting easier to apply and use, *64*(4 OP-Control Engineering. April 2017, Vol. 64 Issue 4, p17, 3 ), 17. Retrieved from http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&site=eds-live&db=edsgao&AN=edsgcl.491719713

Guerra, L., Sousa, S. D., & Nunes, E. P. (2016). 2016 IEEE International Conference on Industrial Engineering and Engineering Management (IEEM), Industrial Engineering and Engineering Management (IEEM), 2016 IEEE International Conference on. https://doi.org/10.1109/IEEM.2016.7798002

HTTP/2 Usage. (2017). Retrieved from https://w3techs.com/technologies/details/ce-http2/all/all

Kacur, J., Durdan, M., & Laciak, M. (2013). Proceedings of the 14th International Carpathian Control Conference (ICCC), Carpathian Control Conference (ICCC), 2013 14th International. https://doi.org/10.1109/CarpathianCC.2013.6560527

Kerezovic, T., & Sziebig, G. (2016). 2016 IEEE/SICE International Symposium on System Integration (SII), System Integration (SII), 2016 IEEE/SICE International Symposium on. https://doi.org/10.1109/SII.2016.7844080

Li, H., & Zhang, J. (2011). 2011 Second International Conference on Mechanic Automation and Control Engineering, Mechanic Automation and Control Engineering (MACE), 2011 Second International Conference on. https://doi.org/10.1109/MACE.2011.5987279

Mehdi Mekni, A. L. (2014). Augmented Reality: Applications, Challenges and Future Trends.

Mohn, E. (2015). Augmented Reality. Retrieved from http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&site=eds-live&db=ers&AN=87323326 OP - Salem Press Encyclopedia of Science, 2015. 2p.

Pannone, J. J. (2015). How to best design an HMI system: a proper interface between a machine and its human operator greatly impacts efficiency and ease of use and should promote a harmonized connection between the two. Learn how to best build that connection though a human mac, *62*(6 OP-Control Engineering. June 2015, Vol. 62 Issue 6, M10, 3 ), 10. Retrieved from http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&site=eds-live&db=edsgao&AN=edsgcl.422706900

Soares, T. A. C., & Mariano, S. J. P. S. (2012). Controlo e automação: sistema de rega inteligente. Retrieved from http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&site=eds-live&db=edsrca&AN=rcaap.openAccess.10400.6.2408

Souza, R. B. de, & Medeiros, A. A. D. de. (2005). Uma arquitetura para sistemas supervisórios industriais e sua aplicação em processos de elevação artificial de petróleo. Retrieved from http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&site=eds-live&db=edsrca&AN=rcaap.portugal.123456789.15444

Sowinski, L. L. (2017). The case for automation: industry experts weigh in on the steps to take and the benefits of greater warehouse automation. Retrieved from http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&site=eds-live&db=edsggo&AN=edsgcl.487602378

# 7. Anexos